

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.787

Sábado, 20 de Setembro de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officina de Impressão—K4 da Atalaia, 111-A (11)

AMANHÃ:

O povo negro de Angola—carne para
negócio, alma para sofrimento, corpo
para escravatura!
Leiam amanhã na BATALHA.

Encarecimento do pão A AUTORIDADE NO CAMINHO DAS VIOLÊNCIAS

A U. S. O. FOI ONTEM INIQUAMENTE IMPEDIDA DE REUNIR

O sr. governador civil servindo-se dum «truc» jesuítico fez uma intimação iníqua e uma ameaça torpe aos empregados de cafés, hotéis e restaurantes de nacionalidade espanhola

Volta a falar-se em que o pão vai encarecer. Qual a razão? Ter o governo até aqui pago as diferenças das cambiais no trigo importado e não estar agora resolvido a continuar a suportar esse encargo.

Quero dizer: o pão político, que se disse tinha sido abolido continuamente e isto não em proveito do público consumidor, que passou a pagar o pão mais caro, mas em proveito da Moagem que passou a adquirir o trigo mais barato. Quando, pois, o público reclama o barateamento desse genero de primeira necessidade, os governos, vendo a iminência do seu encarecimento, não conhecem outra medida que não seja meter nos cofres da Moagem alguns milhares de contos de réis, para que ela não aumente os preços ao consumidor.

Mas não é nada disso o que a opinião pública reclama. A população não quer o pão político, visto que ele pesa como um grande encargo no orçamento e vai produzir um maior desequilíbrio financeiro, o correspondente agravamento da desvalorização do escudo pela baixa cambial e pelo aumento da circulação fiduciária. O que a população quer é que se reduzam os lucros da Moagem em proveito do público, indo-se, se não houver outra forma, até à nacionalização das fábricas de Moagem.

Já em tempos um comissário geral dos abastecimentos, o sr. Pedro Trancoso demonstrou que se podia fabricar um tipo único de pão por um preço razoável, desde que se retirasse certas farinhas para pastelaria. Porque se não tentou nesse tempo o tipo único,

que a opinião pública tanto tem reclamado? Porque isso não dava margem aos fabulosos lucros da Moagem, porque a sua fiscalização era mais perfeita!

De novo se pensa em elevar o preço do pão. O Estado não quer agora continuar a meter nos cofres da Moagem alguns milhares de contos, o que é justo. Mas que a Moagem seja obrigada a limitar os seus lucros, o que é justíssimo.

Costumam os amigos da Moagem, que são todos quantos vivem dos seus favores, defendê-la dizendo que em proporção do seu capital immobilizado e que é avultadíssimo, os lucros da Moagem são insignificantes. Mas não foi isso uma consequência da sua péssima administração? Que temos nós com os erros administrativos dessa grande empresa?

Por causa do ratório do trigo exótico de se aproveitar da vantagem do bôlo dado pelos governos farta-se a Moagem de construir fábricas e de comprar por preços fabulosos as que outros construíam já com esse intuito. Hoje a Moagem dispõe de fábricas em excesso e nada de admirar é que, excedendo a sua capacidade de produção em muito o que realmente produz, não deem os lucros que poderia dar se estivessem em plena laboração. Mas com isso é que o público nada tem. Que a Moagem e só a Moagem lhe sofra as consequências. Nem o Estado nem os consumidores devem pagar estes erros de administração; que ao mesmo tempo eram uma forma de iludir a lei.

O pão não deve encarecer e a diferença do preço do trigo, deve suportar a Moagem.

Foi convocada, para ontem, uma reunião de delegados da U. S. O. para apreciar a greve dos empregados de hotéis, cafés e restaurantes, e ainda para discutir a atitude da autoridade que, abusivamente, tem impedido de falar, em várias assembleias operárias os delegados da central dos organismos locais. A essa reunião estavam convidados a assistir os empregados do ramo de alimentação em greve. O convite era quase desnecessário pois não sendo a U. S. O. como a Confederação Patronal, um organismo secreto, as suas reuniões nunca são clandestinas, mas públicas. Era, pois, de prever, que sendo públicas todas as reuniões da U. S. O. e como esta iria tratar da greve dos operários da alimentação, estes viessem em grande número a assistir. Essa reunião que não era de grevistas mas de delegados dos organismos operários de Lisboa, seria exclusivamente composta por eles — só eles discutiriam e deliberariam. Os grevistas não fariam nenhuma das duas coisas que enunciamos, limitando-se a assistir, dentro o público, à reunião.

Todas estas considerações visam a destruir um pretexto, um miserável pretexto invocado pela polícia, para ontem, com o mais cínico e grosseiro desprezo pela liberdade de reunião e de pensamento, proibir a reunião da U. S. O.

Pasma-se de tanta audácia, supõe-se quando tal se presenciava, ser-se vítima dum pesadelo. Mas não foi um pesadelo. O inconcebível tem de acontecer-se, tratando das autoridades, destas estupidas, malcriadas e brutais autoridades, que ainda sofremos, apesar das nossas revoltas e das nossas indignações. Não, não era pesadelo. A realidade estava ali bem viva e bem palpante nos boquês agentes que vinham transmitir as voraginosas ordens que tinham recebido.

Afirmamos que a alegação da assistência dos grevistas à reunião constituía um pretexto, um miserável pretexto, para proibir a reunião. E falamos verdade. A própria polícia tem antipática como as antipáticas ordens de que era portadora, proibir a reunião de delegados da U. S. O., ainda que a ela não assistissem os grevistas, ainda que ela não fosse pública, mas restringida, unicamente, aos delegados.

O pretexto desta maneira, volatiliza-se. Foi uma máscara, uma máscara de farça, mal afivelada, e que facilmente caiu, deixando ver o que ocultava: o mais estranho e bestial dos abusos que, em matéria de liberdade de pensamento têm sido cometidos.

Que é isto? Então, nestes convulsivos tempos em que a liberdade se afirma, através de todas as fronteiras, em todos os países, detendo e quebrando a voga do nacionalismo e do ditadurismo surgido após a guerra, ao fim de tantas e tam incruentas lutas e vitórias, ainda ousa assim calcar os direitos colectivos dum povo e d'elles zombar dum maneira atroz? Temos observado que as autoridades portuguesas, estão demonstrando pelos seus actos, um regressivismo intolerável. Se assim continuarmos ainda vamos parar aos tempos absolutistas do sr. D. Miguel Rey de Portugal.

Ao mesmo tempo, ou antes no mesmo dia em que se proibia a reunião da U. S. O. realizava-se uma reunião da Associação Industrial Portuguesa, que não passou de uma reunião de delegados da U. S. O. para apreciar a greve dos empregados de hotéis, cafés e restaurantes, e ainda para discutir a atitude da autoridade que, abusivamente, tem impedido de falar, em várias assembleias operárias os delegados da central dos organismos locais. A essa reunião estavam convidados a assistir os empregados do ramo de alimentação em greve. O convite era quase desnecessário pois não sendo a U. S. O. como a Confederação Patronal, um organismo secreto, as suas reuniões nunca são clandestinas, mas públicas. Era, pois, de prever, que sendo públicas todas as reuniões da U. S. O. e como esta iria tratar da greve dos operários da alimentação, estes viessem em grande número a assistir. Essa reunião que não era de grevistas mas de delegados dos organismos operários de Lisboa, seria exclusivamente composta por eles — só eles discutiriam e deliberariam. Os grevistas não fariam nenhuma das duas coisas que enunciamos, limitando-se a assistir, dentro o público, à reunião.

Todas estas considerações visam a destruir um pretexto, um miserável pretexto invocado pela polícia, para ontem, com o mais cínico e grosseiro desprezo pela liberdade de reunião e de pensamento, proibir a reunião da U. S. O.

Pasma-se de tanta audácia, supõe-se quando tal se presenciava, ser-se vítima dum pesadelo. Mas não foi um pesadelo. O inconcebível tem de acontecer-se, tratando das autoridades, destas estupidas, malcriadas e brutais autoridades, que ainda sofremos, apesar das nossas revoltas e das nossas indignações. Não, não era pesadelo. A realidade estava ali bem viva e bem palpante nos boquês agentes que vinham transmitir as voraginosas ordens que tinham recebido.

Afirmamos que a alegação da assistência dos grevistas à reunião constituía um pretexto, um miserável pretexto, para proibir a reunião. E falamos verdade. A própria polícia tem antipática como as antipáticas ordens de que era portadora, proibir a reunião de delegados da U. S. O., ainda que a ela não assistissem os grevistas, ainda que ela não fosse pública, mas restringida, unicamente, aos delegados.

Foi convocada, para ontem, uma reunião de delegados da U. S. O. para apreciar a greve dos empregados de hotéis, cafés e restaurantes, e ainda para discutir a atitude da autoridade que, abusivamente, tem impedido de falar, em várias assembleias operárias os delegados da central dos organismos locais. A essa reunião estavam convidados a assistir os empregados do ramo de alimentação em greve. O convite era quase desnecessário pois não sendo a U. S. O. como a Confederação Patronal, um organismo secreto, as suas reuniões nunca são clandestinas, mas públicas. Era, pois, de prever, que sendo públicas todas as reuniões da U. S. O. e como esta iria tratar da greve dos operários da alimentação, estes viessem em grande número a assistir. Essa reunião que não era de grevistas mas de delegados dos organismos operários de Lisboa, seria exclusivamente composta por eles — só eles discutiriam e deliberariam. Os grevistas não fariam nenhuma das duas coisas que enunciamos, limitando-se a assistir, dentro o público, à reunião.

Todas estas considerações visam a destruir um pretexto, um miserável pretexto invocado pela polícia, para ontem, com o mais cínico e grosseiro desprezo pela liberdade de reunião e de pensamento, proibir a reunião da U. S. O.

Pasma-se de tanta audácia, supõe-se quando tal se presenciava, ser-se vítima dum pesadelo. Mas não foi um pesadelo. O inconcebível tem de acontecer-se, tratando das autoridades, destas estupidas, malcriadas e brutais autoridades, que ainda sofremos, apesar das nossas revoltas e das nossas indignações. Não, não era pesadelo. A realidade estava ali bem viva e bem palpante nos boquês agentes que vinham transmitir as voraginosas ordens que tinham recebido.

Afirmamos que a alegação da assistência dos grevistas à reunião constituía um pretexto, um miserável pretexto, para proibir a reunião. E falamos verdade. A própria polícia tem antipática como as antipáticas ordens de que era portadora, proibir a reunião de delegados da U. S. O., ainda que a ela não assistissem os grevistas, ainda que ela não fosse pública, mas restringida, unicamente, aos delegados.

O pretexto desta maneira, volatiliza-se. Foi uma máscara, uma máscara de farça, mal afivelada, e que facilmente caiu, deixando ver o que ocultava: o mais estranho e bestial dos abusos que, em matéria de liberdade de pensamento têm sido cometidos.

Que é isto? Então, nestes convulsivos tempos em que a liberdade se afirma, através de todas as fronteiras, em todos os países, detendo e quebrando a voga do nacionalismo e do ditadurismo surgido após a guerra, ao fim de tantas e tam incruentas lutas e vitórias, ainda ousa assim calcar os direitos colectivos dum povo e d'elles zombar dum maneira atroz? Temos observado que as autoridades portuguesas, estão demonstrando pelos seus actos, um regressivismo intolerável. Se assim continuarmos ainda vamos parar aos tempos absolutistas do sr. D. Miguel Rey de Portugal.

Ao mesmo tempo, ou antes no mesmo dia em que se proibia a reunião da U. S. O. realizava-se uma reunião da Associação Industrial Portuguesa, que não passou de uma reunião de delegados da U. S. O. para apreciar a greve dos empregados de hotéis, cafés e restaurantes, e ainda para discutir a atitude da autoridade que, abusivamente, tem impedido de falar, em várias assembleias operárias os delegados da central dos organismos locais. A essa reunião estavam convidados a assistir os empregados do ramo de alimentação em greve. O convite era quase desnecessário pois não sendo a U. S. O. como a Confederação Patronal, um organismo secreto, as suas reuniões nunca são clandestinas, mas públicas. Era, pois, de prever, que sendo públicas todas as reuniões da U. S. O. e como esta iria tratar da greve dos operários da alimentação, estes viessem em grande número a assistir. Essa reunião que não era de grevistas mas de delegados dos organismos operários de Lisboa, seria exclusivamente composta por eles — só eles discutiriam e deliberariam. Os grevistas não fariam nenhuma das duas coisas que enunciamos, limitando-se a assistir, dentro o público, à reunião.

Todas estas considerações visam a destruir um pretexto, um miserável pretexto invocado pela polícia, para ontem, com o mais cínico e grosseiro desprezo pela liberdade de reunião e de pensamento, proibir a reunião da U. S. O.

Pasma-se de tanta audácia, supõe-se quando tal se presenciava, ser-se vítima dum pesadelo. Mas não foi um pesadelo. O inconcebível tem de acontecer-se, tratando das autoridades, destas estupidas, malcriadas e brutais autoridades, que ainda sofremos, apesar das nossas revoltas e das nossas indignações. Não, não era pesadelo. A realidade estava ali bem viva e bem palpante nos boquês agentes que vinham transmitir as voraginosas ordens que tinham recebido.

Afirmamos que a alegação da assistência dos grevistas à reunião constituía um pretexto, um miserável pretexto, para proibir a reunião. E falamos verdade. A própria polícia tem antipática como as antipáticas ordens de que era portadora, proibir a reunião de delegados da U. S. O., ainda que a ela não assistissem os grevistas, ainda que ela não fosse pública, mas restringida, unicamente, aos delegados.

Foi convocada, para ontem, uma reunião de delegados da U. S. O. para apreciar a greve dos empregados de hotéis, cafés e restaurantes, e ainda para discutir a atitude da autoridade que, abusivamente, tem impedido de falar, em várias assembleias operárias os delegados da central dos organismos locais. A essa reunião estavam convidados a assistir os empregados do ramo de alimentação em greve. O convite era quase desnecessário pois não sendo a U. S. O. como a Confederação Patronal, um organismo secreto, as suas reuniões nunca são clandestinas, mas públicas. Era, pois, de prever, que sendo públicas todas as reuniões da U. S. O. e como esta iria tratar da greve dos operários da alimentação, estes viessem em grande número a assistir. Essa reunião que não era de grevistas mas de delegados dos organismos operários de Lisboa, seria exclusivamente composta por eles — só eles discutiriam e deliberariam. Os grevistas não fariam nenhuma das duas coisas que enunciamos, limitando-se a assistir, dentro o público, à reunião.

Todas estas considerações visam a destruir um pretexto, um miserável pretexto invocado pela polícia, para ontem, com o mais cínico e grosseiro desprezo pela liberdade de reunião e de pensamento, proibir a reunião da U. S. O.

Pasma-se de tanta audácia, supõe-se quando tal se presenciava, ser-se vítima dum pesadelo. Mas não foi um pesadelo. O inconcebível tem de acontecer-se, tratando das autoridades, destas estupidas, malcriadas e brutais autoridades, que ainda sofremos, apesar das nossas revoltas e das nossas indignações. Não, não era pesadelo. A realidade estava ali bem viva e bem palpante nos boquês agentes que vinham transmitir as voraginosas ordens que tinham recebido.

Afirmamos que a alegação da assistência dos grevistas à reunião constituía um pretexto, um miserável pretexto, para proibir a reunião. E falamos verdade. A própria polícia tem antipática como as antipáticas ordens de que era portadora, proibir a reunião de delegados da U. S. O., ainda que a ela não assistissem os grevistas, ainda que ela não fosse pública, mas restringida, unicamente, aos delegados.

O pretexto desta maneira, volatiliza-se. Foi uma máscara, uma máscara de farça, mal afivelada, e que facilmente caiu, deixando ver o que ocultava: o mais estranho e bestial dos abusos que, em matéria de liberdade de pensamento têm sido cometidos.

Que é isto? Então, nestes convulsivos tempos em que a liberdade se afirma, através de todas as fronteiras, em todos os países, detendo e quebrando a voga do nacionalismo e do ditadurismo surgido após a guerra, ao fim de tantas e tam incruentas lutas e vitórias, ainda ousa assim calcar os direitos colectivos dum povo e d'elles zombar dum maneira atroz? Temos observado que as autoridades portuguesas, estão demonstrando pelos seus actos, um regressivismo intolerável. Se assim continuarmos ainda vamos parar aos tempos absolutistas do sr. D. Miguel Rey de Portugal.

Ao mesmo tempo, ou antes no mesmo dia em que se proibia a reunião da U. S. O. realizava-se uma reunião da Associação Industrial Portuguesa, que não passou de uma reunião de delegados da U. S. O. para apreciar a greve dos empregados de hotéis, cafés e restaurantes, e ainda para discutir a atitude da autoridade que, abusivamente, tem impedido de falar, em várias assembleias operárias os delegados da central dos organismos locais. A essa reunião estavam convidados a assistir os empregados do ramo de alimentação em greve. O convite era quase desnecessário pois não sendo a U. S. O. como a Confederação Patronal, um organismo secreto, as suas reuniões nunca são clandestinas, mas públicas. Era, pois, de prever, que sendo públicas todas as reuniões da U. S. O. e como esta iria tratar da greve dos operários da alimentação, estes viessem em grande número a assistir. Essa reunião que não era de grevistas mas de delegados dos organismos operários de Lisboa, seria exclusivamente composta por eles — só eles discutiriam e deliberariam. Os grevistas não fariam nenhuma das duas coisas que enunciamos, limitando-se a assistir, dentro o público, à reunião.

Todas estas considerações visam a destruir um pretexto, um miserável pretexto invocado pela polícia, para ontem, com o mais cínico e grosseiro desprezo pela liberdade de reunião e de pensamento, proibir a reunião da U. S. O.

Pasma-se de tanta audácia, supõe-se quando tal se presenciava, ser-se vítima dum pesadelo. Mas não foi um pesadelo. O inconcebível tem de acontecer-se, tratando das autoridades, destas estupidas, malcriadas e brutais autoridades, que ainda sofremos, apesar das nossas revoltas e das nossas indignações. Não, não era pesadelo. A realidade estava ali bem viva e bem palpante nos boquês agentes que vinham transmitir as voraginosas ordens que tinham recebido.

Afirmamos que a alegação da assistência dos grevistas à reunião constituía um pretexto, um miserável pretexto, para proibir a reunião. E falamos verdade. A própria polícia tem antipática como as antipáticas ordens de que era portadora, proibir a reunião de delegados da U. S. O., ainda que a ela não assistissem os grevistas, ainda que ela não fosse pública, mas restringida, unicamente, aos delegados.

Foi convocada, para ontem, uma reunião de delegados da U. S. O. para apreciar a greve dos empregados de hotéis, cafés e restaurantes, e ainda para discutir a atitude da autoridade que, abusivamente, tem impedido de falar, em várias assembleias operárias os delegados da central dos organismos locais. A essa reunião estavam convidados a assistir os empregados do ramo de alimentação em greve. O convite era quase desnecessário pois não sendo a U. S. O. como a Confederação Patronal, um organismo secreto, as suas reuniões nunca são clandestinas, mas públicas. Era, pois, de prever, que sendo públicas todas as reuniões da U. S. O. e como esta iria tratar da greve dos operários da alimentação, estes viessem em grande número a assistir. Essa reunião que não era de grevistas mas de delegados dos organismos operários de Lisboa, seria exclusivamente composta por eles — só eles discutiriam e deliberariam. Os grevistas não fariam nenhuma das duas coisas que enunciamos, limitando-se a assistir, dentro o público, à reunião.

Todas estas considerações visam a destruir um pretexto, um miserável pretexto invocado pela polícia, para ontem, com o mais cínico e grosseiro desprezo pela liberdade de reunião e de pensamento, proibir a reunião da U. S. O.

Pasma-se de tanta audácia, supõe-se quando tal se presenciava, ser-se vítima dum pesadelo. Mas não foi um pesadelo. O inconcebível tem de acontecer-se, tratando das autoridades, destas estupidas, malcriadas e brutais autoridades, que ainda sofremos, apesar das nossas revoltas e das nossas indignações. Não, não era pesadelo. A realidade estava ali bem viva e bem palpante nos boquês agentes que vinham transmitir as voraginosas ordens que tinham recebido.

Afirmamos que a alegação da assistência dos grevistas à reunião constituía um pretexto, um miserável pretexto, para proibir a reunião. E falamos verdade. A própria polícia tem antipática como as antipáticas ordens de que era portadora, proibir a reunião de delegados da U. S. O., ainda que a ela não assistissem os grevistas, ainda que ela não fosse pública, mas restringida, unicamente, aos delegados.

O pretexto desta maneira, volatiliza-se. Foi uma máscara, uma máscara de farça, mal afivelada, e que facilmente caiu, deixando ver o que ocultava: o mais estranho e bestial dos abusos que, em matéria de liberdade de pensamento têm sido cometidos.

Que é isto? Então, nestes convulsivos tempos em que a liberdade se afirma, através de todas as fronteiras, em todos os países, detendo e quebrando a voga do nacionalismo e do ditadurismo surgido após a guerra, ao fim de tantas e tam incruentas lutas e vitórias, ainda ousa assim calcar os direitos colectivos dum povo e d'elles zombar dum maneira atroz? Temos observado que as autoridades portuguesas, estão demonstrando pelos seus actos, um regressivismo intolerável. Se assim continuarmos ainda vamos parar aos tempos absolutistas do sr. D. Miguel Rey de Portugal.

Ao mesmo tempo, ou antes no mesmo dia em que se proibia a reunião da U. S. O. realizava-se uma reunião da Associação Industrial Portuguesa, que não passou de uma reunião de delegados da U. S. O. para apreciar a greve dos empregados de hotéis, cafés e restaurantes, e ainda para discutir a atitude da autoridade que, abusivamente, tem impedido de falar, em várias assembleias operárias os delegados da central dos organismos locais. A essa reunião estavam convidados a assistir os empregados do ramo de alimentação em greve. O convite era quase desnecessário pois não sendo a U. S. O. como a Confederação Patronal, um organismo secreto, as suas reuniões nunca são clandestinas, mas públicas. Era, pois, de prever, que sendo públicas todas as reuniões da U. S. O. e como esta iria tratar da greve dos operários da alimentação, estes viessem em grande número a assistir. Essa reunião que não era de grevistas mas de delegados dos organismos operários de Lisboa, seria exclusivamente composta por eles — só eles discutiriam e deliberariam. Os grevistas não fariam nenhuma das duas coisas que enunciamos, limitando-se a assistir, dentro o público, à reunião.

Todas estas considerações visam a destruir um pretexto, um miserável pretexto invocado pela polícia, para ontem, com o mais cínico e grosseiro desprezo pela liberdade de reunião e de pensamento, proibir a reunião da U. S. O.

Pasma-se de tanta audácia, supõe-se quando tal se presenciava, ser-se vítima dum pesadelo. Mas não foi um pesadelo. O inconcebível tem de acontecer-se, tratando das autoridades, destas estupidas, malcriadas e brutais autoridades, que ainda sofremos, apesar das nossas revoltas e das nossas indignações. Não, não era pesadelo. A realidade estava ali bem viva e bem palpante nos boquês agentes que vinham transmitir as voraginosas ordens que tinham recebido.

Afirmamos que a alegação da assistência dos grevistas à reunião constituía um pretexto, um miserável pretexto, para proibir a reunião. E falamos verdade. A própria polícia tem antipática como as antipáticas ordens de que era portadora, proibir a reunião de delegados da U. S. O., ainda que a ela não assistissem os grevistas, ainda que ela não fosse pública, mas restringida, unicamente, aos delegados.

Foi convocada, para ontem, uma reunião de delegados da U. S. O. para apreciar a greve dos empregados de hotéis, cafés e restaurantes, e ainda para discutir a atitude da autoridade que, abusivamente, tem impedido de falar, em várias assembleias operárias os delegados da central dos organismos locais. A essa reunião estavam convidados a assistir os empregados do ramo de alimentação em greve. O convite era quase desnecessário pois não sendo a U. S. O. como a Confederação Patronal, um organismo secreto, as suas reuniões nunca são clandestinas, mas públicas. Era, pois, de prever, que sendo públicas todas as reuniões da U. S. O. e como esta iria tratar da greve dos operários da alimentação, estes viessem em grande número a assistir. Essa reunião que não era de grevistas mas de delegados dos organismos operários de Lisboa, seria exclusivamente composta por eles — só eles discutiriam e deliberariam. Os grevistas não fariam nenhuma das duas coisas que enunciamos, limitando-se a assistir, dentro o público, à reunião.

Todas estas considerações visam a destruir um pretexto, um miserável pretexto invocado pela polícia, para ontem, com o mais cínico e grosseiro desprezo pela liberdade de reunião e de pensamento, proibir a reunião da U. S. O.

Pasma-se de tanta audácia, supõe-se quando tal se presenciava, ser-se vítima dum pesadelo. Mas não foi um pesadelo. O inconcebível tem de acontecer-se, tratando das autoridades, destas estupidas, malcriadas e brutais autoridades, que ainda sofremos, apesar das nossas revoltas e das nossas indignações. Não, não era pesadelo. A realidade estava ali bem viva e bem palpante nos boquês agentes que vinham transmitir as voraginosas ordens que tinham recebido.

Afirmamos que a alegação da assistência dos grevistas à reunião constituía um pretexto, um miserável pretexto, para proibir a reunião. E falamos verdade. A própria polícia tem antipática como as antipáticas ordens de que era portadora, proibir a reunião de delegados da U. S. O., ainda que a ela não assistissem os grevistas, ainda que ela não fosse pública, mas restringida, unicamente, aos delegados.

O pretexto desta maneira, volatiliza-se. Foi uma máscara, uma máscara de farça, mal afivelada, e que facilmente caiu, deixando ver o que ocultava: o mais estranho e bestial dos abusos que, em matéria de liberdade de pensamento têm sido cometidos.

Que é isto? Então, nestes convulsivos tempos em que a liberdade se afirma, através de todas as fronteiras, em todos os países, detendo e quebrando a voga do nacionalismo e do ditadurismo surgido após a guerra, ao fim de tantas e tam incruentas lutas e vitórias, ainda ousa assim calcar os direitos colectivos dum povo e d'elles zombar dum maneira atroz? Temos observado que as autoridades portuguesas, estão demonstrando pelos seus actos, um regressivismo intolerável. Se assim continuarmos ainda vamos parar aos tempos absolutistas do sr. D. Miguel Rey de Portugal.

Ao mesmo tempo, ou antes no mesmo dia em que se proibia a reunião da U. S. O. realizava-se uma reunião da Associação Industrial Portuguesa, que não passou de uma reunião de delegados da U. S. O. para apreciar a greve dos empregados de hotéis, cafés e restaurantes, e ainda para discutir a atitude da autoridade que, abusivamente, tem impedido de falar, em várias assembleias operárias os delegados da central dos organismos locais. A essa reunião estavam convidados a assistir os empregados do ramo de alimentação em greve. O convite era quase desnecessário pois não sendo a U. S. O. como a Confederação Patronal, um organismo secreto, as suas reuniões nunca são clandestinas, mas públicas. Era, pois, de prever, que sendo públicas todas as reuniões da U. S. O. e como esta iria tratar da greve dos operários da alimentação, estes viessem em grande número a assistir. Essa reunião que não era de grevistas mas de delegados dos organismos operários de Lisboa, seria exclusivamente composta por eles — só eles discutiriam e deliberariam. Os grevistas não fariam nenhuma das duas coisas que enunciamos, limitando-se a assistir, dentro o público, à reunião.

Todas estas considerações visam a destruir um pretexto, um miserável pretexto invocado pela polícia, para ontem, com o mais cínico e grosseiro desprezo pela liberdade de reunião e de pensamento, proibir a reunião da U. S. O.

Pasma-se de tanta audácia, supõe-se quando tal se presenciava, ser-se vítima dum pesadelo. Mas não foi um pesadelo. O inconcebível tem de acontecer-se, tratando das autoridades, destas estupidas, malcriadas e brutais autoridades, que ainda sofremos, apesar das nossas revoltas e das nossas indignações. Não, não era pesadelo. A realidade estava ali bem viva e bem palpante nos boquês agentes que vinham transmitir as voraginosas ordens que tinham recebido.

Afirmamos que a alegação da assistência dos grevistas à reunião constituía um pretexto, um miserável pretexto, para proibir a reunião. E falamos verdade. A própria polícia tem antipática como as antipáticas ordens de que era portadora, proibir a reunião de delegados da U. S. O., ainda que a ela não assistissem os grevistas, ainda que ela não fosse pública, mas restringida, unicamente, aos delegados.

A GUERRA DE MARROCOS

MAIS 36.000 HOMENS
PARA O MATADOURO

Há factos que pela sua crueldade, pela infâmia que representam, nos parecem de todo inacreditáveis. Está neste caso o que hoje relatamos aos nossos leitores.

Os refugiados espanhóis de Paris publicam um semanário de combate à ditadura de Primo de Rivera. Apesar da censura, este jornal era profusamente distribuído na Espanha.

Isto irritou de tal forma o ditador que este, através das suas célebres notas, prometeu um «castigo exemplar», que serviria de exemplo a todos os revolucionários.

E o ditador cumpriu a sua palavra com uma crueldade sem limites.

A polícia fez buscas nos centros operários e nas residências de alguns elementos avançados, e todo aquele que tinha em seu poder um número do *Libertad* era entregue aos tribunais militares.

Dois jovens, que foram presos quando faziam a distribuição do mencionado jornal, acabam de ser condenados, em conselho de guerra, a 30 anos de prisão!

Por igual delicto esperam julgamento nas prisões da Espanha mais de 30 camaradas.

Em Marrocos acaba de ser publicado um edital ordenando que todo aquele que faça crítica à obra do directorio ou propale notícias que possam quebrantar a moral das tropas, seja imediatamente fuzilado!

No parque militar de Algeciras estão presos 19 soldados acusados de fazerem manifestações contra a guerra de Marrocos. Estes soldados responderam em conselho de guerra sumariíssimo, e seguramente serão condenados à morte. Em Sevilha após uma conferência na qual fez manifestações sobre a obra do directorio, foi preso o ex-deputado republicano Hermenegildo la Caza.

Em todos os portos da península continua o embarque de tropas para Marrocos.

Em Algeciras embarcaram 29 batalhões com um efectivo total de 20.880 homens.

Em Cadix embarcaram 11 batalhões com um total de 7.920 e em Sevilha 10 batalhões com 7.200 homens. O total de homens que embarcaram nestes três portos é de 36.000 homens! Isto só numa semana.

«O embarque» das tropas é feito de madrugada, segundo os soldados debarcados, e muitos d'elles são escoltados por forças da Guarda Civil.

liberais que então se publicavam na Inglaterra, eram condenados a 10 anos de prisão. O neto de Fernando VII é mais feror que seu tio, pois condena a 30 anos os que vendem o jornal editado em Paris.

Não há duvida. A Espanha marcha a passos de gigante para os tempos de Loyola.

E' tempo pois de que os povos cultos protestem com veemência contra esta infame ditadura, que não só oprime o povo espanhol, como envorlva a própria civilização.

Manoel PERES

Como os espanhóis querem a paz

TANGER, 19.—Têm sido muito comentados os termos em que Abd-el-Krim pretende fazer a paz com a Espanha. As propostas do chefe mourão são justificadas pelo facto de que os rifenhos estão orgulhosos com as últimas vitórias e que a aliança de Abd-el-Krim com as tribus de Jabala o força a incluir nas suas propostas as exigências dos seus novos aliados. As propostas da Espanha, são consideradas rassoas oferecendo uma base aceitável para as negociações. E' necessário notar que a Espanha nunca poderá ter liberdade de criar um estado independente do Rif por que a isso se opõe o artigo 5.º da convenção Franco-Espanhola de 1921 aprovada pelo governo inglês. A Espanha oferecendo a Abd-el-Krim a independência administrativa e económica de uma zona do Rif, que reconheça o protectorado espanhol, vai tão longe quanto aquele tratado lhe permite. O pedido de Abd-el-Krim de que os espanhóis lhe cedem Tetuão e outros pontos da zona espanhola fora do Rif não tem qualquer razão de ser. Tetuão nunca foi uma cidade rifenha e não existem rifenhos a 60 quilómetros em redor da cidade.

O exercito espanhol está preparado na grande ofensiva contra os mouros para libertar Sheshum que ainda está isolado. Durante esta acção é pouco provável que se chegue a qualquer accordo entre a Espanha e o Rif. Abd-el-Krim e o governo espanhol estão desejosos de fazer a paz; mas é pouco provável que ela se consiga.

Os espanhóis terão de abandonar Melilla?

LONDRES, 19.—O *Times* afirma que as negociações entre o Directorio espanhol e Abd-el-Krim, chefe dos rifenhos, importarão o abandono de Tetuão e o reconhecimento da independência dos rifenhos.

Abd-el-Krim exige!

LONDRES, 19.—Afirma-se que Abd-el-Krim exige, nas negociações que seariam entabuladas entre ele e o Direc-

REGO CHAVES

O desfalque de um milhão de libras

O CRIMINOSO, COMO TODOS, DENUNCIA-SE QUANDO BUSCA ESCONDER-SE

Sempre todos o mesmo.

Em todos os crimes o criminoso procede com tais excessos de cautela, leva a sua precaução a um extremo tal, que cautela e precauções por excesso, por falta de naturalidade, se transformam em disfarce.

Sempre todos os criminosos em todos os crimes tentam se ocultar, que, à sua beira, os olhos se voltam para os espreitantes, as atensões se fixam inquietas, suspensas.

Sempre todos o mesmo: — reconhecem-se de maneira a fazer-se notar, acantellam-se tanto que se tornam suspeitos, de tal arte, se defendem que se denunciam.

E este, há pouco elevado a Alto Comissário da República em Angola, official superior de uma arma superior, agiu, ao desfalcar o Tesouro Público, como qualquer rapazião empregado de um banco procede na hora confusa que o determina a arrastar de uma primeira falta à prática de um primeiro alance.

Atropelando a lei que expressa, taxativamente, a proibição (número 8 do art. 12.º da lei n.º 266 de 27 de Julho de 1914) — a concessão de adiantamentos ou empréstimos a companhias ou particulares, conhecido da grave responsabilidade criminal em que incorria, (a é lei severa ao punir aquele crime: 2 a 8 anos de prisão maior celular, e a penalidade imposta pelo § único do art. 12.º da citada lei de responsabilidade ministerial), vai passo a passo comprometendo-se ao sonegar toda a publicidade aos actos que praticava.

Interpelado no Parlamento, em 17 de Dezembro de 1919, pelo deputado sr. Cunha Leal, que com larga nobreza lhe dá ensejo a amplas explicações, que para léses poderiam parecer justificáveis, este hoje alto comissário que dizem *mentis esperto*, — nada diz.

Tenho aqui sobre a minha mesa o número do *Diário da Câmara dos Deputados* com o relato do discurso do ministro das Finanças,

AS FORÇAS VIVAS AGITAM-SE

A miséria deles — eles e a imprensa — Os reaccionários...

Os mentores das "forças vivas" parecem ter enlouquecido. Espanta a sua ausência, sob a relutante protecção de meia dúzia de espadas conservadoras e militares, mas a única maneira como se arvoram em vítimas. A dar-lhes ouvidos ninguém mais do que elas sofrem, porque isto de roubar o povo sem perigo de vida ou de cadeia, é como se pudesse presumir, origem certa dum sofrimento profundo.

A sua situação é angustiosa a pesar de fazerem subir, todos os dias, o custo da vida. Estão na miséria a pesar de continuarem multiplicando as suas fortunas. E são, exactamente, os comerciantes, os industriais e os capitalistas mais enriquecidos e mais aladados que mais furor mostra e de cores mais negras o seu "martírio" pinta.

A propaganda do movimento que temos vindo revelando continua, intensificando-se dia a dia, com o apoio caloroso de alguns jornais entre eles *"A Época", "Correio da Manhã"* e o *"Insuspetito"*. *"Diário de Notícias"*. Ao mesmo tempo que a propaganda não se fazendo os preparativos. As sessões nas associações legais das "forças vivas" vão-se multiplicando, seguindo-se nelas a orientação indicada secretamente pela Confederação Patronal, e nelas usando da palavra, um dos chefes da agitação, o sr. João Pereira da Rosa. Antecorreu realizou-se uma dessas sessões na Associação dos Lojistas, ontem realizou-se já outra, na Associação Industrial.

Apreciamos, por agora, o que se passou na primeira dessas sessões. Nela se verificou o mesmo estado de excitação observado nos anteriores.

Propositadamente, o sr. Eduardo Mário Rodrigues, com o intuito de aumentar a irritação, disse à assembleia que o sr. João Pereira da Rosa tinha mandado de captura. Imediatamente os comerciantes romperam, protestando, com grande barulho.

O sr. Eduardo Mário Rodrigues, argumentando à popularidade, afirmou que se se desse tal prisão, ele não queria ficar, mais um dia, em liberdade.

Um parentese: os leitores conhecem o sr. Eduardo Mário Rodrigues? Não? Pois é um banqueiro que ainda há pouco tempo abriu publicamente falência. O Banco que falitiu e, que por artes mágicas, está agora de novo fazendo especulações e o Economista Portuguesa. Ainda, como esclarecimento, diremos que o sr. Eduardo Mário Rodrigues, por informações que reputamos seguras, nunca chegou a dar entrada na cadeia.

O director da P. S. E. dr. sr. Barbosa Viana ouviu das boas, chegando um dos *meneurs* dos comerciantes o sr. Almeida Costa a afirmar que ele devia estar na Penitenciária como responsável pelos assassinatos do 19 de Outubro. Inquiriu também o mesmo *meneur* Almeida Costa porque motivo se desgraciaram os frangeiros e outros operários que faziam greves e atentados dinamitistas. Este comerciante, no seu ódio aos trabalhadores nem sequer reparou que desde metade na cadeia todas as vítimas dos exploradores, seus colegas, a exploração não se poderia exercer.

Os comerciantes quiseram reunir, além da meia noite, e como tal não é permitido pelo governador civil, protestaram indignadamente. Quando a polícia, depois da meia noite, entrou na associação, os comerciantes receberam-na com hostilidade, ameaçando desobedecer-lhe. Acolheram-na ali com gritos como estes:

"Aqui não há medo! Ninguém se vai embora! Abaixo as arbitrariedades! As casas de batola estão abertas toda a noite!"

Estamos de acordo em que é uma arbitrariedade o encerramento de qualquer sessão, finta a meia noite. E, como já vimos, os comerciantes não se dão por isso. Agora, não deixamos de acentuar que os comerciantes só, neste momento, deixaram de cumprir essa odiosa determinação da autoridade e que sempre acharam bem que as reuniões de operários fossem suspensas àquela hora e até dissolvidas. Se os operários, como é natural e legítimo, protestavam, os comerciantes reagiam, como o protesto era subversivo, atentório das leis, que acima de tudo deviam ser respeitadas, por mais injustas que fossem.

Desta vez, como lhes tocou pela porta, os comerciantes fizeram como os operários, a ponto dum comerciante, por se ter distinguido nos ataques à autoridade ter sido preso, mas só por algumas horas.

Então o respeito pelas leis, onde está? Já não é atitude subversiva protestar? Nessa assembleia o sr. Alfredo Pereira atacou os políticos chamando-lhes idiotas. Vem a propósito dizer que o sr. Alfredo Pereira é uma criatura muito estúpida e inculta, ignorando a língua que fala, confundindo frequentemente português com bundo.

O movimento que revelamos prossegue e entusiasmamente. As "forças vivas" declaram pela voz dos seus "meneurs" que estão dispostas a lutar com o maior heroísmo.

Escutemos o que diz o sr. Carlos de Oliveira:

"É preciso ir onde for preciso... Prefiro morrer de uma só vez, do que aos bocados..."

O sr. João Pereira da Rosa esse não prefere morrer, mas é mais conclusivo:

"Encontro-me satisfeito com a marcha do nosso movimento porque já não há polícia ou quem quer que seja, capaz de o impedir!"

Que não haja polícia para o deter, tratando-se de comerciantes, acreditamos. Agora que não haja ninguém... Ah! se o proletariado, pudesse tratar as questões que lhe dizem respeito com os comerciantes, com todos os seus exploradores, talvez o sr. Pereira da Rosa mudasse de opinião. Mas, se ele e os seus "heroicos" colegas quizessem fazer a sua exaltação se dissipasse.

Se a polícia não tiver forças para abrir os estabelecimentos quando os comerciantes a encerrarem, não seria difícil encontrar na insubmissão colectiva dum povo inteiro, esmagado e roubado forças capazes de os descerar, mesmo sem chaves.

Situação dos presos

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidária

Em vez de diminuir de número de presos, vai aumentando, pois constata este Secretariado novamente a prisão do operário Arsénio José Filipe que ontem de manhã foi detido sem que se conheçam as causas. Também continua preso em parte ignorada por este Secretariado e pela respectiva família o operário polidoir Alberto Silva, não fazendo sentido que numa república democrática se tenha gente presa sem que ao menos a família tenha conhecimento do lugar onde se encontra a fim de lhe dispensar aqueles cuidados que aos presos são tão necessários prestar em consequência do asseio e higiene em que os imundos calabouços, tanto de esquadras como do governo civil, se encontram.

Este estado de coisas chega a ser inaceitável que ainda exista, fazendo lembrar os tempos dos Torquemadas. A quem de direito se reclama que se diga às famílias dos presos nestas condições onde se encontram, a bem de todos os princípios de humanidade, demais que tanto foram apregoados por algumas entidades que hoje se encontram manietados por elementos reaccionários.

Quando se verificará uma rajada de bom senso por parte de quem com presos tem de tratar? E o que este Secretariado reclama.

Também ainda se encontra na Trafaria o operário carpinteiro Luis dos Santos Oliveira que para ali foi por ergano.

Festa de solidariedade

Pelas 21 horas de hoje realiza-se na Sociedade Musical do Beato uma festa em benefício de José dos Santos, que se encontra gravemente doente.

Fará uma conferência o nosso camarada Mário Domingues, representando em seguida o drama em 3 actos "O Veterano da Liberdade" e uma comédia em 1 acto.

Classes que reclamam

Refinadores de açúcar
Reúne a assembleia geral da classe dos refinadores de açúcar, sendo apreciada a atitude de alguns operários que foram atirados os seus camaradas da Fábrica Ultramarina que abandonaram o trabalho em virtude de o respectivo proprietário não atender a reclamação de aumento de salário. A comissão que entrevistou o proprietário conseguiu que este accedesse à reclamação, admitindo também o primitivo pessoal, a excepção do mestre. No entanto a mesma comissão de novo entrevistará hoje o proprietário para que o mestre seja admitido.

Constatou também que na Refinaria de Alfama foi despedida toda o pessoal no sábado, ignorando-se os motivos que levaram o respectivo industrial a tal procedimento.

A classe mantém-se em sessão permanente.

Ferrovários da C. P.
A Comissão de Melhoramentos avisou os seus membros o ministro do Comércio, acerca da exposição feita pela mesma Comissão, com referência às reclamações apresentadas à Companhia e que o director não quis aceitar. Aquele ministro disse que ainda não tinha obtido resposta alguma do delegado do governo, junto da Companhia, mas logo que isso se verificasse, o participaria à Comissão.

Porteiros de casas de espectáculos e cinemas. — Reúne amanhã a assembleia geral, pelas 11 horas, na nova sede sindical, travessa da Água de Flor, 16, 1.º.

S. U. Metalúrgico. — Comissão pró-presos. — Reúne na próxima segunda-feira, pelas 20 horas, para tratar de um assunto de alta importância e urgência.

Manifatores de Calçado. — Para continuação da discussão dos trabalhos da sessão anterior que são: votação do delegado que há de representar este organismo no congresso da indústria, pareceres da última comissão administrativa, comissão de melhoramentos e um ofício dos presos de Monsanto, reúnem hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral.

Porteiros de casas de espectáculos e cinemas. — Reúne amanhã a assembleia geral, pelas 11 horas, na nova sede sindical, travessa da Água de Flor, 16, 1.º.

S. U. Metalúrgico. — Comissão pró-presos. — Reúne na próxima segunda-feira, pelas 20 horas, para tratar de um assunto de alta importância e urgência.

Manifatores de Calçado. — Para continuação da discussão dos trabalhos da sessão anterior que são: votação do delegado que há de representar este organismo no congresso da indústria, pareceres da última comissão administrativa, comissão de melhoramentos e um ofício dos presos de Monsanto, reúnem hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral.

Porteiros de casas de espectáculos e cinemas. — Reúne amanhã a assembleia geral, pelas 11 horas, na nova sede sindical, travessa da Água de Flor, 16, 1.º.

S. U. Metalúrgico. — Comissão pró-presos. — Reúne na próxima segunda-feira, pelas 20 horas, para tratar de um assunto de alta importância e urgência.

Manifatores de Calçado. — Para continuação da discussão dos trabalhos da sessão anterior que são: votação do delegado que há de representar este organismo no congresso da indústria, pareceres da última comissão administrativa, comissão de melhoramentos e um ofício dos presos de Monsanto, reúnem hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral.

Porteiros de casas de espectáculos e cinemas. — Reúne amanhã a assembleia geral, pelas 11 horas, na nova sede sindical, travessa da Água de Flor, 16, 1.º.

S. U. Metalúrgico. — Comissão pró-presos. — Reúne na próxima segunda-feira, pelas 20 horas, para tratar de um assunto de alta importância e urgência.

Manifatores de Calçado. — Para continuação da discussão dos trabalhos da sessão anterior que são: votação do delegado que há de representar este organismo no congresso da indústria, pareceres da última comissão administrativa, comissão de melhoramentos e um ofício dos presos de Monsanto, reúnem hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral.

Porteiros de casas de espectáculos e cinemas. — Reúne amanhã a assembleia geral, pelas 11 horas, na nova sede sindical, travessa da Água de Flor, 16, 1.º.

S. U. Metalúrgico. — Comissão pró-presos. — Reúne na próxima segunda-feira, pelas 20 horas, para tratar de um assunto de alta importância e urgência.

Manifatores de Calçado. — Para continuação da discussão dos trabalhos da sessão anterior que são: votação do delegado que há de representar este organismo no congresso da indústria, pareceres da última comissão administrativa, comissão de melhoramentos e um ofício dos presos de Monsanto, reúnem hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral.

Porteiros de casas de espectáculos e cinemas. — Reúne amanhã a assembleia geral, pelas 11 horas, na nova sede sindical, travessa da Água de Flor, 16, 1.º.

S. U. Metalúrgico. — Comissão pró-presos. — Reúne na próxima segunda-feira, pelas 20 horas, para tratar de um assunto de alta importância e urgência.

Manifatores de Calçado. — Para continuação da discussão dos trabalhos da sessão anterior que são: votação do delegado que há de representar este organismo no congresso da indústria, pareceres da última comissão administrativa, comissão de melhoramentos e um ofício dos presos de Monsanto, reúnem hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral.

Porteiros de casas de espectáculos e cinemas. — Reúne amanhã a assembleia geral, pelas 11 horas, na nova sede sindical, travessa da Água de Flor, 16, 1.º.

S. U. Metalúrgico. — Comissão pró-presos. — Reúne na próxima segunda-feira, pelas 20 horas, para tratar de um assunto de alta importância e urgência.

Manifatores de Calçado. — Para continuação da discussão dos trabalhos da sessão anterior que são: votação do delegado que há de representar este organismo no congresso da indústria, pareceres da última comissão administrativa, comissão de melhoramentos e um ofício dos presos de Monsanto, reúnem hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral.

Vida Sindical

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidária

Para tratar de assuntos importantes e inadiáveis, reúne hoje, às 21 horas, este Secretariado com as duas secções, a fim de tratar em especial da situação dos presos entregues ao governo.

Devem comparecer a esta reunião os camaradas da comissão pró-presos por questões sociais e António Henriques e Manuel Soares.

COMUNICAÇÕES
Manipuladores de pão — Os membros da comissão de melhoramentos, e em especial Manuel Pereira, devem comparecer hoje no Sindicato, pelas 11 horas, para se efectuarem algumas "demarches" junto da companhia e outros assuntos de certa gravidade.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

CONVOCAÇÕES
Federação da Construção Civil. — Reúne na próxima segunda-feira, pelas 21 horas, a comissão encarregada de elaborar o regulamento geral dos Sindicatos e suas secções.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

S. U. Metalúrgico. — Segundo o resultado da reunião transacta, continua hoje a assembleia geral, às 21 horas, estando da o para primeiro número da ordem de trabalhos, a recomposição da comissão administrativa e a demissão da comissão de melhoramentos. É necessária a comparencia do maior numero de sindicados.

AS GREVES

Empregados de Hotéis, Cafés e Restaurantes

NOTA OFICIAL DO COMITÉ

O senhor governador civil entende que se soluciona o conflito perseguindo por todas as formas a nossa classe.

"Descejará s. ex." que nós nos rendamos pela fome?

Tal não acontecerá!

A autoridade poz-se ao lado dos patrões contra nós e o seu edital é piramidal. Lembremo-nos agora perguntar à autoridade se esse edital também abrangia os comerciantes e industriais de origem estrangeira que dentro da sua associação têm refinido e estão em rebelião contra o Estado?

Queremos uma situação franca. Que nos digam se nós só temos direito a ser explorados e se não é garantido defendermos-nos.

Neste momento quem está fora da ordem são as autoridades mancomunadas com os patrões para nos subjugar. Pois bem; já o dissemos: para termos de morrer de fome é preferível morrer lutando. Está em jogo o nosso pão, e por isso, defendemo-nos até à última. Lutar é viver.

Este comité chama a atenção de todos os grevistas para as resoluções tomadas na U. S. O.

Hoje, pelas 21 horas, deverá haver assembleia para continuarmos apreciando a marcha do movimento.

Que nenhum grevista abandone o seu posto de luta, que o vosso comité continuará sempre trabalhando para conseguir sairmos vitoriosos desta luta brilhante.

Avante, pois, e viva a greve!

Que todos lutem ao lado do seu "comité", que, apesar de termos dois inimigos que são — autoridade e patrões, temos ao nosso lado forças superiores que são representadas pelas classes trabalhadoras.

Viva a solidariedade operária!

Viva a U. S. O.!

Viva "A Batalha"!

O Comité

Um telegrama de saudação e incentivo

Dos empregados de hotéis e restaurantes das Caldas da Rainha recebemos o seguinte telegrama:

CALDAS DA RAINHA, 19 (T). — Em nome de todos os criados de mesa de hotéis e restaurantes das Caldas da Rainha, lavramos o nosso protesto energico contra as prisões dos nossos camaradas e encerramento da nossa sede. Que todos os camaradas não retomem o trabalho enquanto não os puserem em liberdade e não sejam atendidas as reclamações.

NOTA OFICIAL
Camaradas: Os vendilhões da consciência foram desmascarados ao passo que todas as classes mostraram quanto estão resolvidas a prestarem-nos solidariedade.

Alfredo de Oliveira Mendes e Adilino, dos logeiros da pesca, e Guerra, dos maquiñistas Fluviais, são esses vendilhões que, mancomunados com os armadores da pesca, comprados à força de dinheiro, tentam por todas as formas arredar os nossos camaradas das suas reivindicações.

Foram descobertos a tempo, mas é necessário que estejam de sobre-vigância e indispensável que todos nos mantenhamos firmes. Os vendilhões nada conseguem, porque a esmagadora maioria das classes é franca e sincera.

A vitória é certa, todas as classes estão conosco! Nada há a recear dos que se vendem, nem dos armadores porque conhecemos todos os seus "truques".

Viva a greve! Viva a Federação Marítima! Viva "A Batalha"!

O Comité.

S. U. Metalúrgico

Um apelo a favor dos fundidores grevistas da Fábrica Portugal

O Sindicato Unico Metalúrgico pela para a solidariedade da classe metalúrgica a fim de que hoje, sábado, sejam abertas quetes em todas as oficinas a favor dos grevistas fundidores da Fábrica Portugal.

Uma luta contra o patronato, na actual situação económica, só terá êxito desde que toda a classe manifeste a sua solidariedade e auxilio aos camaradas em luta, estimulando-lhes a coesão e coragem para que a vitória seja um facto.

As quetes que não puderem ser entregues aos portadores das listas podem ser entregues no Sindicato.

Japão mártir

Um grande abalo de terra

TOQUIO, 19. — Esta cidade acaba de ser vítima de um novo tremor de terra. É o mais forte que houve desde janeiro. A população, cheia de pânico, abandonou as casas. Os edifícios foram rudemente sacudidos. Os sismógrafos ficaram inutilizados. O epicentro teve lugar a 71 quilómetros a nordeste desta cidade. Houve prejuizos materiais, mas não houve felizmente desgraças pessoais a lamentar.

Grandes inundações
TOQUIO, 19. — Devido ao tufão que assolou as costas japonesas tem havido grandes inundações. Morreram muitos milhares de pessoas. Nesta cidade grande número de casas ficaram inundadas.

VIDA POLITICA
Partido Radical. — A comissão municipal convoca a reúnem hoje, pelas 21 horas, no Centro Republicano Operário de Lisboa, para a Voz do Operário, 64, 1.º, os membros das comissões distrital e políticas, corpos directivos dos centros filiados e bem assim todos os correligionários que o possam fazer.

Os motivos da reunião são: apreciar os últimos acontecimentos e a marcha das investigações a seu respeito; assenar na mais prática e melhor forma de prestar solidariedade aos correligionários perseguidos.

TEATRO POLITEAMA

EMPRESA LUIS PEREIRA * Telefone Norte 3025

HOJE — às 21 horas — HOJE

representação da comédia em 3 actos de LEPINA

O Homem do Papagaio

PEÇA PARA RIR

INTERPRETES: Ilda Stichini, Tereza Gomes, Isabel Berardi, Raquel Moreira, Branca Ricchetti, Joaquim Prata, Ribeiro Lopes, Alvaro de Almeida, Carlos Sousa, João Calagans e Teixeira Soares.

CRÓNICA DO PORTO

A reunião das "forças vivas" decorreu animada e terminou em paz e boa ordem...

PORTO, 18. — Ontem effectou-se, na Associação de Comerciantes, uma assembleia magna das forças vivas que protestam contra a imposição do selo em determinados artigos.

Em todos os rostos dos numerosos assistentes viam-se profundos vincos de mágoa lacerante. Em todos os corações alanceados, palpitavam fre

NA PROVINCIA E NOS ARREDORES

CALENDÁRIO DE SETEMBRO

gosto... Se cá estivesse, não teriam por esse modo deitado a perder a sua causa...

— Bom frade, replicou o monstro rindo, assim como Ronan, os velhos réprobos! Não se deitou a perder senão o coiro do arcebispo. Dito e feito: pegam no homem, arregaçam-lhe a vestimenta de sacerdote, e com um cinturão aplica-se uma áspera correção ao meu capitão de Deus, de capacete e coraça assim como estava... depois do que metem-no no barco; eu e a minha gente entramos ali também e achamos formados em linha na outra margem o exército clerical. Cinco ou seis daqueles tonsurados tinham-se munido de arcos, e enviavam-nos a tã um grânio de flechas; mas o acaso quer que fique morto um dos nossos e sejam feridos dois; eram trinta, quando muito, atacamos aquela centena de soldados da Igreja e de pobres escravos violentados; querem resistir-nos, mas nós invocamos a nossa santíssima Trindade: espada, lança e machado; e então é que valeu a pena ver os valentes do bispo de Chalons darem às de vila diogo... O glorioso capitão episcopal salta em cima da mula e dá o sinal de retirada fugindo a galope; os tonsurados imitam-no... e nós enterramos meia dúzia de mortos, levantamos alguns feridos, que foram curados no mosteiro, e mais tarde postos em liberdade; depois disto, não ouvimos falar mais do valor exército episcopal.

— Eu já sabia isso, meus amigos, e aprovo tudo, excepto a correção ao arcebispo, o que muito censuro, disse Loysik; porque me custou a apagar a justa cólera do bispo de Chalons a esse respeito... Praticaram como deviam; sim, defender o seu bom direito, repeli a força com a força, é justiça, e demais, a resistência excitada ao heroísmo é muitas vezes política; porque Brunehaut, como já lhes disse, recuou à ideia de os excitar ao desespero... No meu regresso do campo de Clotário, falei com o bispo; achei-o furioso com a sua resistência e com o ultraje feito ao arcebispo. Disse-lhe isto: Censuro muito o ultraje, mas aprovo bastante a resistência legítima de meus irmãos

do vale... Veja o bispo de que serve a violência! Os senhores, homens da Igreja, enviaram gente armada contra frades e colonos, que só desejam viver livres, pacíficos e laboriosos, conforme o seu direito. A sua gente foi derrotada, e se lo há se lá voltar... Renunciem pois a qualquer pretensão sobre o vale, nós reconheceremos, pela nossa parte, os seus direitos de jurisdição espiritual, nada mais... «Então, exclamou o bispo furioso, retirar-lhes hei os sacerdotes que dizem missa no mosteiro! tremam! excomungarei o vale!» Seja, bispo: seremos todos nós excomungados; entretanto as nossas planícies continuarão a reverdecer, os nossos bosques a produzir e dar lenha, os nossos campos a produzir trigo, as nossas cepas, o vinho, os rebanhos, o leite, e as abelhas o mel; as crianças nascerão robustas e coradas como dantes; bem sabe que a sua excomunhão em nada pode mudar a natureza das coisas; unicamente sucederá dizerem os nossos vizinhos: Oh! oh! aqui está um vale excomungado sempre fértil; gente excomungada sempre contente e muito sadia; a excomunhão é uma graça. Acredite, pois, o bispo, que esse castigo com que me ameaça, e que tanta sobre gente julga terrível, pouco nos importaremos nós com ele ou mesmo nada... Siga o meu parecer, renuncie à violência e à batalha; os seus soldados tonsurados não brilham, como sabe, na guerra; respeite os nossos bens, e as nossas liberdades, nós respeitaremos a sua jurisdição espiritual... aliás, não; e as desgraças a que der causa a sua iniquidade recairão sobre si!... Finalmente, meus amigos, depois de longa contestação, alcancei do bispo a carta que tenho aqui; ouçam atentamente a leitura dela. Há no seu conteúdo, talvez um germe de libertação da Gália.

E Loysik leu o que se segue:

«Ao santo e venerável irmão em Cristo, Loysik, superior do mosteiro de Charoles, edificado no vale do mesmo nome, concedido ao irmão Loysik em doação perpétua, por virtude de uma carta outorgada pelo glo-

rioso rei Clotário I, no ano de 558, e confirmada por Clotário II, no presente ano de 613, eu Salviano, bispo de Chalons: Nós julgamos bom de inserir nesta folha o que nós e os nossos sucessores deverão fazer, com assistência do Espírito Santo: 1.º o bispo de Chalons, em respeito ao lugar, e sem que receba valor de qualidade alguma abençoará o altar do mosteiro de Charoles e concederá, se lho pedirem, a santa crisma todos os anos; 2.º quando, por vontade divina, um superior der a alma a Deus, o bispo, sem esperar recompensa, elevará a distinção de superior ou de abade o frade mais notável pelos merecimentos da sua vida, que haja sido escolhido pela comunidade; 3.º os nossos sucessores, bispos ou arcebispos ou quaisquer outros administradores, ou qualquer pessoa da cidade de Chalons, não se arrogarão nenhum outro poder no mosteiro de Charoles, nem na ordenação das pessoas, nem sobre bens, nem sobre as heranças do vale, já concedidas pelo glorioso rei Clotário I, e confirmadas pelo illustre rei Clotário II; 4.º os nossos sucessores não se atreverão a extorquir, a título do presente, seja o que for do mosteiro ou das paróquias do vale; os nossos sucessores, quando não sejam rogados pelo superior e pela comunidade para fazermos oração no mosteiro, não entrarão nunca no interior dele, nem transporão os seus limites, e depois da celebração dos santos mistérios, e de ter recebido apenas breves e simples agradecimentos, o bispo cuidará de se retirar para a sua habitação sem precisão de ser requerido; 6.º se algum dos nossos sucessores (o que Deus não permita), cheio de perfídia e excitado pela cobiça, quizer, com espírito temerário, violar as coisas aqui contidas, que sob o castigo da vingança divina, ele fique sujeito ao anatema. E para que esta constituição permaneça sempre em vigor, nós quizesmos corroborá-la com a nossa assinatura.

SALVIANO

Feito em Chalons, no oitavo dia das calendas de Novembro do ano da Encarnação 613.

— Frei Loysik, disse Ronan, esta carta garante os nossos direitos; agradecemos-te tê-la obtido; mas nós não tínhamos nós porventura as nossas espadas para defendermos esses direitos?

— Oh! sempre esse velho fermento de Vagraria! as espadas! sempre as espadas! nesse caso as melhores coisas tornam-se más pelo abuso e pelo arrebatamento; sim, aprovo a resistência, aprovo a revolta excitada até ao martírio, quando o direito é violado pela força; mas de que serve o sangue? de que serve a batalha, quando o direito é reconhecido e garantido? e demais, quem lhes diz que em novas lutas ficarão superiores? quem lhes diz que o bispo de Chalons ou o seu sucessor, se vosses recusassem reconhecer a jurisdição dele, não chamaria algum senhor burgonhês em seu auxílio?... Saberiam morrer, é verdade... mas de que serve morrer quando se pode viver pacífico e em liberdade? Esta carta compromete o bispo e os seus sucessores a respeitarem os direitos dos frades deste mosteiro e dos habitantes deste vale; é mais uma garantia; mas se algum dia a pisarem a pés, então pertencem-lhe as heroicas resoluções; até esse tempo, meus amigos, vivam os dias socegados que esta carta lhes assegura.

— Tens razão, Loysik, replicou Ronan; o velho fermento de Vagraria continua a germinar em nós... Mas essa sujeição à jurisdição espiritual do bispo, sujeição consagrada pela carta, não será uma humilhação?

— Acaso não exercia ele já, mais ou menos sobre nós o seu poder espiritual? Reconhecê-lo, pouca coisa é; desconhece-lo, é expor-nos a lutas continuas... E de que serve isso? os nossos bens, a nossa liberdade não estão consagradas?

— E' justo, meu bom irmão... E' daí, esta carta, obtida do bispo, porque vosses soubéramos resistir energeticamente à sua iniquidade, em lugar de se resignarem cobardemente à usurpação, esta carta, se o futuro não me engana, contém o germe da libertação progressiva da Gália...

SECÇÃO DE LIVRARIA

“A BATALHA”

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

Além das obras anunciadas, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colónias e estrangeiro, mediante remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes: Continente—Encomendas postais até 500, pacotes até 2 quilos \$15 cada 50 gramas, e mais \$40 para registro em cada pacote. Ilhas—Encomendas postais, 60 quilos 6000. Brasil e Países da União Postal—Pacotes de 2 quilos 9500, América do Norte—Pacotes até 5 quilos, 6550.

Há duas revoluções a fazer: Uma nos espíritos e outra nas ruas. A segunda depende da primeira.

—Um revolucionário que não estuda é como um barco sem piloto.

—Eduquemo-nos o instruímo-nos antes de pretendemos educar e ensinar os outros.

—O livro é o alimento espiritual do homem que deseja instruir-se.

Publicações sociológicas

Organização Social... 5000 5000

Antonielli—A Rassea e a Civilização... 5000 5000

A Comunidade... 5000 5000

A maçonaria e a revolução... 5000 5000

Porque não se pode... 5000 5000

Cartas autôgrafas... 5000 5000

Protestantes... 5000 5000

Spalding—A greve geral... 5000 5000

Spalding—No sentido em que... 5000 5000

Cartas autôgrafas... 5000 5000

Protestantes... 5000 5000

Spalding—A greve geral... 5000 5000

Spalding—No sentido em que... 5000 5000

Cartas autôgrafas... 5000 5000

Protestantes... 5000 5000

Spalding—A greve geral... 5000 5000

Spalding—No sentido em que... 5000 5000

Cartas autôgrafas... 5000 5000

Protestantes... 5000 5000

Spalding—A greve geral... 5000 5000

Spalding—No sentido em que... 5000 5000

Cartas autôgrafas... 5000 5000

Protestantes... 5000 5000

Spalding—A greve geral... 5000 5000

Spalding—No sentido em que... 5000 5000

Cartas autôgrafas... 5000 5000

Protestantes... 5000 5000

Spalding—A greve geral... 5000 5000

Spalding—No sentido em que... 5000 5000

Cartas autôgrafas... 5000 5000

Protestantes... 5000 5000

Spalding—A greve geral... 5000 5000

Spalding—No sentido em que... 5000 5000

Cartas autôgrafas... 5000 5000

Protestantes... 5000 5000

Spalding—A greve geral... 5000 5000

Spalding—No sentido em que... 5000 5000

Cartas autôgrafas... 5000 5000

Protestantes... 5000 5000

Spalding—A greve geral... 5000 5000

Spalding—No sentido em que... 5000 5000

Cartas autôgrafas... 5000 5000

Protestantes... 5000 5000

Spalding—A greve geral... 5000 5000

Spalding—No sentido em que... 5000 5000

Cartas autôgrafas... 5000 5000

Protestantes... 5000 5000

Spalding—A greve geral... 5000 5000

Spalding—No sentido em que... 5000 5000

Cartas autôgrafas... 5000 5000

Protestantes... 5000 5000

Spalding—A greve geral... 5000 5000

Spalding—No sentido em que... 5000 5000

Cartas autôgrafas... 5000 5000

Protestantes... 5000 5000

Spalding—A greve geral... 5000 5000

Spalding—No sentido em que... 5000 5000

Cartas autôgrafas... 5000 5000

Protestantes... 5000 5000

Spalding—A greve geral... 5000 5000

Spalding—No sentido em que... 5000 5000

Cartas autôgrafas... 5000 5000

Protestantes... 5000 5000

Spalding—A greve geral... 5000 5000

Spalding—No sentido em que... 5000 5000

Cartas autôgrafas... 5000 5000

Protestantes... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Henrique Leão. — O Socialismo... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política... 5000 5000

Trostky. — Constituição Política...